

**CONSIDERAÇÕES SOBRE A UNIVERSIDADE (NOS ESTADOS UNIDOS E BRASIL) E A  
FINANCEIRIZAÇÃO DA ECONOMIA MUNDIAL**

**CONSIDERACIONES ACERCA DE LA UNIVERSIDAD (EN LOS ESTADOS UNIDOS Y  
BRASIL) Y LA FINANCIERIZACIÓN DE LA ECONOMÍA MUNDIAL**

**CONSIDERATIONS ABOUT UNIVERSITY (IN THE UNITED STATES AND BRAZIL)  
AND THE FINANCIALIZATION OF THE WORLD ECONOMY**

João dos Reis Silva Júnior<sup>1</sup>

Deise Mancebo<sup>2</sup>

**Resumo:** O texto discute a atual cultura das universidades, expressão de reformas, políticas e programas para elas projetados e produzidos por intelectuais que ocupam posições centrais em órgãos de Estado e nas próprias universidades. Afirma que essa nova cultura é mundial, nomeadamente nos Estados Unidos, dissemina-se por muitos meios, mas, tendo como centro uma apologia da ideologia da eficiência, concretizado na diminuição do *gap* entre a ciência e a tecnologia, com a produção de inovações sociais e tecnológicas. Discute o novo tipo de conhecimento demandado, posto não mais por parâmetros exclusivamente científicos, mas também pela economia financeirizada. Expõe, ao final, a compressão temporal própria da sociedade atual e exigida pela economia mundial sob o predomínio do capital financeiro, afirmando a correlata compressão do tempo epistêmico e neurológico do pesquisador.

**Palavras-chave:** economia financeirizada; cultura universitária; inovação tecnológica; papel do pesquisador

**Resumen:** El artículo analiza la actual cultura de las universidades, como expresión de reformas, políticas y programas que han sido diseñados para ellas y que han sido producidos por intelectuales que ocupan posiciones centrales en organismos estatales y en las propias universidades. Se afirma que esta nueva cultura es mundial, especialmente presente en los Estados Unidos, se extiende por muchos medios, pero centrada en una ideología de la eficiencia, concretizada en la reducción de la brecha entre la ciencia y la tecnología, con la producción de innovaciones sociales y tecnológicas. Discute el nuevo tipo de conocimiento exigido, sostenido no solo por parâmetros exclusivamente científicos, sino también por la economía financializada. Expone, en el final, la compresión temporal propia de la sociedad actual y que es requerida por la economía mundial bajo el dominio del capital financiero, indicando la correlativa compresión del tiempo epistêmico y neurológico del investigador.

**Palabras clave:** economía financializada; cultura universitaria; innovación tecnológica; papel del investigador

**Abstract:** The paper discusses the current culture of universities, expression of reforms, policies and programs designed for them and produced by intellectuals who occupy central positions in the State and at the universities themselves. It states that this new culture is worldwide, especially in the United States, is spread by many means, but centered in an apology of ideology of efficiency, achieved in reducing the gap between science and technology, with the production of technological and social innovations. It discusses the new type of knowledge demanded, no longer stand by exclusively scientific parameters, but also by financialized economy. Exhibits, at the end, the temporal compression of the current society and required by the global economy under the dominance of financial capital, stating the correlative temporal compression of epistemic and neurological time of researcher.

**Keywords:** economy financialized; university culture; technological innovation; researcher paper

Em texto premonitório de quatro de junho do ano 2000, Nicolau Sevcenko já antevia o colapso retumbante da universidade estatal no Brasil. O que hoje se torna claro, transparente e, sobretudo, um

retrocesso histórico, para quem conhecia a universidade estatal há tempos e ao redor do planeta, já então incomodava o historiador de forma profunda. Seu olhar sobre países com alta densidade histórica mostrava a tendência que viria a se espalhar alhures, com destaque para os países anglo-saxões.

Este incômodo de Sevcenko era tal que, de volta ao Brasil há mais de 15 anos, publicou, em sua coluna na *Folha de S Paulo*, texto atual em que relata o ocorrido nas instituições inglesas. O historiador participava de homenagem ao professor Noel Annan, que nos anos 1950 foi o primeiro reitor com exclusividade nesta posição no King's College da Universidade de Londres, e que lhe pareceu uma “aula de sociologia universitária”. Segundo seu relato, havia três gerações claramente separadas no auditório em que se deu a solenidade.

A primeira logo à frente era composta dos contemporâneos do homenageado. No seu entendimento, estes senhores representariam o lugar institucional e acadêmico de um “pequeno grupo de famílias de linhagens distintas, cujos membros e descendentes ocupavam todos os postos decisórios, fazendo da academia a extensão natural de seus privilégios de classe”.

A segunda geração, posicionada em lugar intermediário, eram professores da década de 1960 que confrontaram o elitismo acadêmico anterior e abriram caminho para o que não cabia no interior da universidade inglesa e de onde nasceriam “inspirações e alianças radicais, cujos frutos mais exóticos foram a insurreição punk, a música eletroacústica, o *dub*<sup>3</sup>, o novo cinema inglês e a chamada escola londrina de artes plásticas”.

A terceira geração eram os professores da década de 1990, a quem chamou de “Herdeiros do Futuro”. Novos intelectuais que reformariam, na sua prática cotidiana, a instituição universitária e formariam outros tantos a produzir a hegemonia dos tempos atuais. Um futuro que já se fazia concreto e já herdado por aquela geração onde quer que a universidade tenha sido reformada. Um futuro que se realiza rapidamente e de forma mais agressiva no Brasil, nas últimas duas décadas, e parece atingir seu ápice na segunda década do século XXI.

Sevcenko indica um dos caminhos para o entendimento da formação da geração de 1990 e da atual cultura da universidade estatal ao redor do mundo, como parte de um movimento maior, que colocaria em ação as mudanças que estamos estudando.

No fundo do salão, buliçosos e ostensivos, se concentrava a última camada, a dos representantes dos anos 90 e, portanto, aqueles que se sabiam os herdeiros do futuro. A história desse grupo talvez possa explicar um pouco da sua autoconfiança, reverberada no inflado das roupas. Naturalmente sua madrinha espiritual é Margaret Thatcher, aquela que em sua empáfia retórica decretou que “não há nem nunca houve essa coisa chamada sociedade; o que há e sempre haverá são indivíduos”. O fato é que, na sua oportuna aliança com Ronald Reagan, ao longo dos anos 80, ambos efetuaram uma mudança drástica no discurso conservador, invertendo os termos do debate político. Até então, as posições radicais monopolizavam a simbologia epifânica, apostando todas as cartas no princípio esperança, num mundo coeso por impulsos fraternais. Aos conservadores restava tachar essa atitude de ilusória, de lunática e de chamariz para a implantação da tirania totalitária. A operação ideológica construída pelo nexos Reagan-Thatcher mudou completamente a configuração do debate político. Sua maior proeza foi metamorfosear os termos de sua aliança num amálgama cultural de alcance místico. Fortemente apoiados em tradições puritanas exclusivistas e autocentradas da cultura anglo-saxônica, deslocaram seus conteúdos doutrinários da esfera religiosa para a política. O resultado foi o deslizamento do conceito de destino manifesto, tão latente

em Cromwell quanto em Washington e Jefferson, de um fado inelutável dos povos anglo-saxões para o próprio sistema capitalista. (SEVCENKO, 2000, p. 3)

A expressão desse momento concretizou-se em tempos diferentes em todo o mundo, alterando drasticamente o aparelho de Estado, a República e as instituições republicanas. Mais do que uma nova episteme política e religiosa, uma mudança estrutural na economia, na ciência e na tecnologia tornou-se uma realidade cruamente excludente. Esta atual cultura das universidades está sendo produzida há tempos, embora tenha se tornado mais visível no século XXI. Além disso, vale destacar que, se ela se expressa nas reformas, políticas e programas para a universidade, antes de mais, ela é produzida pelos intelectuais da própria universidade que nela ocupam posições ou em órgãos de Estado nas distintas esferas administrativas.

Esta nova cultura mundial, para usar uma construção de Otávio Ianni (1994), iria disseminar-se por muitos meios, mas, tendo como o coração, uma apologia e endeusamento da ideologia da eficiência, concretizado na diminuição do *gap* entre a ciência e a tecnologia: a inovação. Sevcenko, no mesmo texto, lembra que estes traços transformar-se-iam, na prática política, em programas de governo e de muitas propostas. Ademais, a ciência, tecnologia e educação participam organicamente da fundação desse novo momento histórico.

Era uma proposta clara que tocava a todos. A nova realidade só oferece oportunidades para o trabalho qualificado, portanto o melhor meio de suscitar a promoção social deve ser necessariamente a educação. Ademais, na vertiginosa corrida tecnológica que sucedeu à Guerra Fria, só quem tiver autonomia tecnológica poderá garantir sua soberania. Logo, educação, ciência e tecnologia são as três chaves da nova era. Mas o veneno da maçã proibida já se infiltrara nas veias dos novos líderes. A ideia não era mais garantir um bom emprego para todos conforme a tradição socialista, mas disseminar o espírito da concorrência agressiva por meio de uma nova agenda educacional, de modo que, num mercado cada vez mais concentrado, os mais aguerridos, os mais individualistas e os mais experientes prevalecessem, em detrimento dos desfavorecidos em todos os quadrantes do planeta. E aqui se insere o conceito ampliado do destino manifesto, traduzido num novo dogma chamado eficiência. (SEVCENKO, 2000, p.3)

A eficiência alcança o estatuto da ideologia com fundamento político e se concretiza como a busca diária da inovação, que é tradução do espírito religioso que fundamentou o pensamento e a prática de Margaret Thatcher e Ronald Reagan. Daí a importância do entendimento das referidas mudanças, considerando a origem deste movimento no plano mundial em que as reformas se disseminaram, alterando de forma radical as instituições republicanas, em especial a instituição universitária que se organizaria segundo o novo credo. A construção e produção desse processo percorre um longo período, todavia, o que se tornou claro, como nunca visto antes, foi a negação da condição humana.

Os herdeiros do futuro trazem, com suas mentes e corações fiéis, o destino manifesto para o presente e buscam, de forma tenaz, institucionalizarem-no. São estes novos intelectuais que vêm reconstruindo e consolidando a universidade do século XXI, pautando-se no contexto de uma economia mundial e de um diferente estágio do capitalismo.

Esta é a geração da referida década de 1990 que se constitui nos novos intelectuais que irão produzir a universidade. Este professor é, antes de tudo, passivo e passível em oferecer seu trabalho à

venda e fará tudo para publicar muito para poder vender muito e bem, e, neste processo, consolidar a nova cultura universitária, central para a atual forma histórica da hegemonia.

Por outro lado, as universidades estatais sofreram muitas mudanças nesse período, como pode ser visto pela análise da Universidade Federal de Minas Gerais (SILVA JR et al, 2013). O capitalismo acadêmico (SLAUGHTER; RHOADES, 2011) ou a concepção de ciência acadêmica como motor da economia (BERMAN, 2012) passaram a guiar as *New American Universities*.

Como observou Cummings (2014), o modelo para a eficiência da ciência acadêmica como um motor da economia global necessita de avaliação das necessidades para a produção eficiente em relação ao crescimento econômico. Em sua opinião, o momento é propício para alimentar a função de transferência de tecnologia das universidades para a economia, diminuindo os custos de produção. Ele propõe a criação de novas parcerias público-privadas com ações empreendedoras envolvendo os alunos, professores, administradores, Estado e a comunidade para enfrentar o desafio de alcançar novos meios de mudança tecnológica e gestão da propriedade intelectual:

Este é um compromisso substancial para o sucesso em longo prazo. É necessário um compromisso coletivo de professores, comunidade e especialistas que auxiliam nos ativos de tecnologia e desenvolvimento de incubadoras de empresas (start-up). O complexo desenvolvimento deste modelo de transferência de tecnologia tem um retorno surpreendente e gratificante sobre o investimento e produz valor no longo prazo nas relações entre os atores, produtividade econômica, impacto e desenvolvimento econômico. (CUMMINGS, 2014, p. 1047). (Tradução direta do original em inglês feita por SILVA JR.)

Em conferência ministrada em 1917, intitulada “A ciência como vocação”, Weber (2012) já previa que, ao longo do tempo, esta tendência iria aprofundar-se e expandir-se a outras disciplinas, incluindo as ciências sociais. Seguindo raciocínio semelhante, C. Wright Mills, em sua tese de doutorado, marcou a transformação da disciplina em ocupações profissionais e a transformação correspondente do intelectual no acadêmico profissionalizado. (MILLS, 1942; HOROWITZ, 1968)

O que Cummings propõe para os Estados Unidos, atualmente, pode ser visto em outros países incluindo o Brasil. Por exemplo, o Programa Nacional Plataformas de Conhecimento (PNPC) foi instituído pela presidente Dilma Rousseff, por meio do Decreto nº 8.269 de 25 de junho de 2014, com o objetivo de levar o Brasil à fronteira da demanda impulsionada pelo conhecimento de setores estratégicos da economia nacional e da demanda das corporações nacionais e transnacionais. Segundo o professor Glauco Arbix, formulador de políticas e presidente da FINEP até março de 2015, o PNPC é um grande promotor da economia brasileira, baseia-se na universidade pública e tem fundos públicos significativos para sua implementação. O Programa busca articular a produção gerada nas universidades e instituições de pesquisa, empresas e ações do Estado, particularmente em áreas relacionadas com a agricultura, saúde, energia, aviação, construção naval e tecnologia de informação e comunicação.

Em uma análise internacional, que incluiu o Brasil, sobre as condições e o perfil dos professores de educação superior, Philip Altbach (2003) e os autores que participaram da coletânea “The decline of the guru”, por ele organizada, observaram que as condições acadêmicas estão se deteriorando como resultado de quatro tendências principais: a massificação da educação superior, a avaliação quantitativa

(*accountability*), a privatização e a comercialização. No Brasil, o contexto desta dinâmica decorre da reforma do Estado e da reestruturação das universidades estatais, que, muitas vezes, tiveram uma relação de complementaridade. A adesão do Brasil às exigências do capital financeiro e o novo pacto político e social sugerem que os intelectuais tiveram papel central nessas reformas e, para melhor entendimento disso, pode ser útil recordar algumas reflexões sobre os intelectuais, de Gramsci.

Para Gramsci, a função intelectual está ligada fundamentalmente à superestrutura; os intelectuais são "funcionários da superestrutura" e, ao mesmo tempo, estão ligados à estrutura econômica, pois ...

Todo grupo social, ao nascer do terreno originário de uma função essencial no mundo da produção econômica, cria também, organicamente, uma ou mais camadas de intelectuais que conferem homogeneidade e consciência da própria função não apenas no campo econômico, como também no social e político: o empresário capitalista gera junto consigo o técnico da indústria, o cientista da economia política, o organizador de uma nova cultura, de um novo direito etc. (GRAMSCI, 1975 p. 1.513)

Na universidade – na graduação e na pós-graduação, na pesquisa e na consultoria –, os intelectuais formam as novas gerações, isto é, os “herdeiros do futuro”. Acabam, assim, por estabelecer a ligação com a estrutura e consolidar a nova cultura da universidade atual, segundo o que escreveram Weber, Mills, Berman e Sevchenko.

A relação entre os intelectuais e o mundo da produção não é imediata, como ocorre nos grupos sociais fundamentais, mas é “mediatizada”, em diversos graus, por todo o contexto social, pelo conjunto das superestruturas do qual os intelectuais são precisamente os funcionários. (GRAMSCI, 1988, p. 13)

Gramsci não vê o intelectual no sentido convencional, ou seja, enclausurado em uma sala e distante do segmento que ele representa. Atesta a presença do intelectual em contato com o povo, sentindo como o povo sente, para poder captar os seus anseios e organizar os elementos da classe fundamental que representa. Sem o intelectual, não há direção, não há organização e, desta forma, não pode haver a hegemonia das classes subalternas. Os intelectuais atuam em sua grande maioria em instituições partidárias ou não. Atuam sempre nos “aparelhos privados de hegemonia” e a educação é um campo privilegiado para a atuação dos intelectuais no sentido que lhe atribui Gramsci. Para o que nos interessa, a universidade estatal tornou-se um aparelho privado de hegemonia privilegiado para a disseminação do movimento que vem sendo analisado há duas décadas. Vale destacar o que vem acontecendo no Brasil como já argumentado por Sguissardi e Silva Jr (2009) sobre o papel dos pesquisadores nas universidades nos Estados Unidos e no Brasil.

No caso em tela, os novos intelectuais é que produziram, em última instância, a universidade estatal brasileira do século XXI. O cimento ideológico que mantém a nova hegemonia às avessas foi produzido por eles com o objetivo da produção da nova instituição universitária. Eles jogaram e jogam papel decisivo nesta construção.

O problema da criação de uma nova camada intelectual, portanto, consiste em elaborar criticamente a atividade intelectual que existe em cada um em determinado grau de desenvolvimento, modificando sua relação com o esforço muscular nervoso no sentido de um novo esforço muscular nervoso. Enquanto elementos de uma atividade prática geral, que inova continuamente o mundo físico e social, torna-se o fundamento de uma nova e integral concepção de mundo. (GRAMSCI, 1988, p. 11)

A universidade reforma-se na direção das exigências históricas que foram impostas ao Brasil desde a década de 1980 e, segundo o exposto até aqui, as mudanças nos Estados Unidos acentuam-se neste mesmo período. São os “novos intelectuais” os responsáveis pelas principais mudanças ocorridas nessa instituição no país. No caso específico, a universidade foi reformada em condições objetivas, porém nela atuaram intelectuais e nela intelectuais foram formados para reproduzi-la. O movimento que buscamos analisar expõe as condições objetivas e mostra que as mudanças que se consolidaram nas universidades americanas vêm se consolidando no Brasil e têm sua origem nos intelectuais em condições determinadas. É interessante analisar essa face pouco discutida: o papel dos intelectuais, que são instados a um trabalho de produção de conhecimento e de pesquisa que alcança mudança estrutural da natureza de seu próprio trabalho e, neste mesmo processo, o próprio intelectual se transforma.

Muitos intelectuais assumem não somente a nova natureza do seu trabalho, mas também a cultura de um novo tempo que o próprio trabalho e as mudanças institucionais carregam. Importa indagar sobre a nova natureza do trabalho desses intelectuais e suas consequências. Nas pesquisas realizadas por nós e vários pesquisadores próximos, o que ficou claro foi a profunda intensificação do trabalho do professor e a precarização de suas relações trabalho. Contudo, analisando as mudanças do trabalho, especialmente nos Estados Unidos, percebe-se que sua intensificação e a precarização de suas relações consistem na consequência da mudança da natureza do trabalho do pesquisador, como resultado da mudança da universidade. Trata-se de trabalho voltado para economia tal como se pôde observar ao longo do já exposto.

Ao assumirem esta natureza em seu trabalho, transformaram as instituições e a si mesmos e passaram a formar novos intelectuais à sua imagem e semelhança. Tal discussão não deve desconsiderar o papel do Estado. Permanece como questão fundamental mostrar a *nova economia* e sua relação com a mudança do Estado, que se voltava timidamente para o bem-estar e que, agora, direciona seus recursos para a produção e reprodução do novo cidadão; o ator econômico eficiente e individualista. O mesmo se observa na universidade mercantilizada. Nesse texto, todavia, o que nos interessa é pôr o foco no professor pesquisador, como já iniciado em estudos anteriores. Trata-se, aqui, de colocar em pauta o papel dos intelectuais para buscar tornar público este movimento muitas vezes pouco visível.

### ***Predominância financeira, a universidade estatal e o ser social professor***

A economia que emerge no pós-guerra produz historicamente demandas para a indústria, especialmente para as corporações no âmbito mundial, exigências estruturais que têm requerido uma diminuição de tempo entre a produção científica e sua aplicação em serviços, produtos e processos. A ciência, básica ou aplicada, voltada para o bem público tem aí uma pressão para mudança, sendo necessário um novo tipo de conhecimento que atenda a tais demandas, postas não mais por parâmetros exclusivamente científicos, mas também pela financeirização da economia. A economia converte-se, pois, no principal fator para a epistemologia da nova ciência acadêmica, em face, especialmente, da posição econômica e bélica que os Estados Unidos ocupa em nível planetário.

O conhecimento exigido pelas novas corporações tem entre suas redes de trabalho uma ou mais parcerias com universidades no mundo todo que se dão de diversas formas, estrategicamente por meio de transferência de tecnologia e pela venda de direitos autorais para as próprias universidades, como se pode observar não raros casos das pesquisas realizadas nas universidades estatais brasileiras. O conhecimento, na maioria das vezes, é transferido na forma de inovações sociais e tecnológicas e é o tipo de conhecimento que aqui denominamos “conhecimento matéria-prima”, termo que tem inspiração na leitura dos trabalhos de Gary Rhoades; Sheila Slaughter (2011) e Daniel Schugurenski (2013).

O conhecimento matéria-prima voltado para a economia e para o mercado é uma parte dos resultados da ciência em seu novo paradigma. Trata-se de conhecimento pronto para ser transformado em produtos de alta tecnologia, novos processos de produção e serviços e está relacionado à possibilidade de lucros imediatos no âmbito econômico. Aqui parece ser um bom lugar para comentarmos o que vem sendo definido como inovação tecnológica. Ao buscarmos a forma mais geral do que se poderia entender por inovação tecnológica, podemos encontrar que é um processo, ao mesmo tempo, de mudança, invenção e adaptação, que existe desde os primórdios da humanidade, e que teria como objetivo a melhoria da vida e do trabalho das pessoas e das empresas, agregando mais valor aos produtos no menor tempo possível. Certamente esta definição procede e seria impossível confrontá-la nesta formulação, porém é possível melhor especificá-la.

Há bem pouco tempo, o grande problema do capital consistia em diminuir o *gap* entre a ciência e a tecnologia e, embora houvesse uma aproximação entre a universidade e a indústria, ocorria, porém, uma considerável demora na solução dos problemas. Os intelectuais das indústrias estavam distantes dos processos de pesquisa e os pesquisadores, ávidos na defesa da autonomia de sua pauta de pesquisa, permaneciam distantes do *front* industrial e econômico. Contudo, com a falência do regime monopolista de produção e a emergência da predominância financeira, este quadro se altera de forma radical. Ocorre que o ciclo de capital portador de juros faz dinheiro sem trabalho. Na equação marxista, temos  $D' > D$ . O proprietário do dinheiro investe, empresta e recebe os juros como forma de pagamento desta operação pela mera propriedade privada do dinheiro. Esta operação, além de econômica, é jurídica e impõe as taxas de juros e o tempo de pagamento do que é devido, desconsiderando o que irá ocorrer no processo de produção real de valor. É uma aposta com o menor risco e a maior rentabilidade.

Esta operação pode ser feita entre amigos, empresas, grupo de empresas, países e pelos principais agentes institucionais que atuam mundialmente, que são os fundos mutuais, os guias da gestão do sistema monetário mundial, aos quais se subordinam os fundos de pensão e os fundos dos grupos predominantemente industriais, o que caracteriza um regime de predominância financeira. Quais as consequências disso?

Juridicamente, o ciclo financeiro comprime não só o ciclo do capital em funções (as relações sociais de produção), como também as relações sociais em geral, altera a sociabilidade e subjetividade de todo cidadão e exige a produção de valor real em tempo recorde do trabalho vivo. Aí está o verdadeiro problema do capital e a necessidade de fazer desaparecer o *gap* entre ciência e tecnologia. Neste ponto, a universidade e a pesquisa nela produzida cumprem o papel estratégico. Como? Redefinindo a ciência e o

conhecimento, conforme a referida necessidade. Por esta via, a racionalidade econômico-financeira interpõe-se nas práticas cotidianas da vida universitária. O que as pesquisas, o trabalho do pesquisador e do professor precisam apresentar é o conhecimento matéria-prima.

Interessa que ele dure um ciclo econômico e que novos conhecimentos dessa natureza sejam produzidos indefinidamente. Isso está na raiz das explicações das reformas universitárias, no financiamento das universidades, na sua organização e gestão, na avaliação, na importância dos *rankings*, na necessidade da expansão e da internacionalização da educação superior, em nova divisão internacional do trabalho científico, no acesso e no conhecimento que é produzido nessas instituições. Imprescindível destacar o que os autores denunciam de forma cientificamente consistente nos seus trabalhos; a necessidade da publicação. As publicações se tornaram mercadorias produzidas por uma indústria editorial que se configura como monopólio da venda dos direitos autorais. Mundo afora, muitas universidades vendem as produções de seus professores nesse mercado. As universidades vendem os direitos autorais de produções de seus pesquisadores profissionais. Os pesquisadores recebem adicionais aos seus salários ao venderem seus direitos autorais por quantia razoável para as universidades em que trabalham. Por outro lado, as publicações ocorrem, em muitas áreas do conhecimento como a farmacêutica, as áreas tecnológicas e a matemática, somente depois que se tornaram patentes ou depois que uma equação matemática tornou-se um produto financeiro em Wall Street. Isso nos permite inferir ao menos, que os artigos ou outros produtos escritos visam menos à socialização de conhecimento e se caracterizam mais como *marketing* do produto e do próprio pesquisador. Há uma indústria de publicação já em pleno fortalecimento também no Brasil. Como ilustração Ladislau Dowbor escreve:

No século XXI, os atos de publicar e disponibilizar se dissociaram. Não são mais o mesmo processo. Quando comunicaram que o artigo meu fora publicado, fiquei contente e solicitei cópia. Enviaram um link da Sage Publications, empresa com fins lucrativos, que me informa que posso ver meu artigo, com minhas ideias – artigo, aliás sobre a nova geração de intelectuais no Brasil – pagando US\$ 25,00. A soma permite acessar meu artigo por 24 horas. Mas posso ver no dia seguinte pagando outra vez e posso dizer aos meus amigos que leiam o meu artigo. A SAGE monopoliza cerca 500 revistas científicas segundo declaração de seu site. (DOWBOR, 2016)

No mesmo texto o autor afirma sobre o monopólio de poucos editores sobre a publicação de artigos científicos. Argumenta ainda sobre a força desse mercado e, em contrapartida, a fragilidade dos autores e das instituições que se submetem por não contarem com adequado financiamento do Estado.

Dowbor comenta o trabalho de Glenn McGuigan e Robert Russell que, “constata que o poder de negociação das faculdades e dos professores como fornecedores de propriedade intelectual é fraco” (DOWBOR, 2016). E que a bem organizada indústria editorial no âmbito mundial “é altamente concentrada nas mãos de três editores com fins lucrativos que controlam a distribuição de muitos periódicos, inclusive os maiores e de maior prestígio” (DOWBOR, 2016). O mais desprezioso artigo, por políticas institucionais impõe ao professor publicar em periódico que faça parte deste imenso mercado. As consequências são desastrosas, posto que o professor trabalha com a demanda posta por este mercado e não de acordo com sua pauta de pesquisa. Isso muda a natureza do trabalho do professor e



acentua o processo de mercantilização e de internacionalização das instituições de educação superior, posto que a distribuição se faz mundialmente.

Estas mudanças estruturais impõem ao pesquisador publicar em abundância e muitas vezes repetir o que já escreveu com ajuda luxuosa da estética. Multiplicam-se as várias formas de plágio e autoplágio. As tecnologias de informações diminuem o tempo para a publicação e aumentam o tempo de aparição do texto e de seu autor que se identifica de forma incauta com a ciência financeirizada e, logo, precisamente administrada.

A compressão espaço temporal (HARVEY, 1994) própria da sociedade atual e exigida pela economia mundial sob o predomínio do capital financeiro exige a compressão do tempo epistêmico e neurológico do pesquisador. Isso produz muito sofrimento para o pesquisador e aliena o ser humano trabalhador na universidade. Seu trabalho é fantasticamente voltado para a busca de resultados comercializáveis. A epifania de si mesmo traz-lhe de forma certa o seu adoecimento e a atmosfera de uma vida estranha em que ele não sabe se é a sua própria sombra, sua imagem no espelho, sua foto digitalizada no Currículo Lattes, na página do Research Gate ou na da Academia.edu. Suas dimensões humanas se estilhaçam e o faz voltar-se contra si mesmo e identificar-se com a necessidade de “mais”, como o Mito de Tântalo. Nunca há satisfação. The Rolling Stones em brilhante música de Mick Jagger e Keith Richards “*I can't get no satisfaction*” já nos alertava em 1965. Sem a satisfação humana contrária à meritocracia *fake*, a saída é a busca de momentos de paz artificial produzida pelo álcool, drogas ou, o pior, as drogas legais que não curam, mas produzem dependência para aumentar os lucros dos laboratórios farmacêuticos ou a entrada na burocracia gestora. Outro caminho trilhado por alguns para a busca de uma satisfação artificial consiste em investir num trabalho administrativo que proporcione espaço social (e de poder) com o objetivo de reter – individualmente, para um grupo ou região – capital social no âmbito da gestão da formação e produção acadêmico-científica. Isso se torna possível, pois em muitas circunstâncias a gestão transformou-se em atividade-fim, enquanto a produção acadêmica e a formação tornou-se atividade-meio nas universidades em geral e, particularmente, no Brasil.

### Referências

ALTBACH, P. The decline of the guru. Centres and peripheries in the academic profession: the special challenges of developing countries. In: ALTBACH, P. (Ed.). **The decline of the guru: the academic profession in developing and middle-income countries**. NY: Palgrave, 2003.

BERMAM, E. P. **Creating the marketing university: how academic science became an economic engine**. Princeton: Princeton University Press, 2012.

CUMMINGS, B. The changing landscape of intellectual property management as a revenue-generating asset for U.S research universities. **George Mason Law Review**, v. 21 n. 4, p. 1027-1047, 2014. Disponível em: <<http://connection.ebscohost.com/c/articles/97014125/changing-landscape-intellectual-property-management-as-revenue-generating-asset-u-s-research-universities>>. Acesso em: 3 mar. 2016.

DOWBOR, L. O professor e a propriedade intelectual. **Le Monde Diplomatic Brasil**, 2016. Disponível em: <<http://www.lemonediplomatic.org.br>>. Acesso em: 03 mar. 2016.

GRAMSCI, A. **Quaderni del carcere**. Turim: Einaudi, 1975.

- GRAMSCI, A. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1998.
- HARVEY, D. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Edições Loyola, 1994.
- HOROWITZ, I. L. La génesis intelectual de C. Wright Mills. Prefacio al libro Mills, C. W. **Sociología y pragmatismo**. Buenos Aires: Ediciones Siglo Veinte, 1968.
- IANNI, O. Globalização: o novo paradigma das ciências sociais. **Revista de Estudos Avançados**, v. 8, n. 21, p. 147-163, 1994. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40141994000200009>>.
- MILLS, C.W. **A sociological account of pragmatism: an essay on the Sociology of Knowledge**. Doctoral Dissertation. University of Wisconsin-Madison, 1942.
- SCHUGURENSKY, D. Higher education restructuring in the era of globalization: toward a heteronomous model? In: ARNOVE, R.; TORRES, C. A. (Eds.) **Comparative education: the dialectic of the global and the local**. Lanham: Rowman & Littlefield, 2013.
- SEVCENKO, N. **O professor corretor**. Folha de São Paulo, Mais!, 4 de junho de 2000. Disponível em:<<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs0406200004.htm>>. Acesso em: 24 abr. 2015.
- SGUISSARDI, V.; SILVA JR, J. R. S. **Trabalho intensificado nas federais: pós- graduação e produtivismo acadêmico**. São Paulo: Xamã, 2009.
- SILVA JR, J. R. et al. **Trabalho do professor diante da expansão da pós-graduação em educação: o caso da região Sudeste**. Relatório Científico Parcial, FAPESP, Universidade Federal de São Carlos, Grupo de Economia Política da Educação e Formação Humana (GEPEFH), São Carlos, abril 2013.
- SLAUGHTER, S.; RHOADES, G. **Academic capitalism and new economy: market, State and higher education**. 3. ed. Baltimore: The John Hopkins University Press, 2011.
- WEBER, M. Ciência como Vocação. In: WEBER, M. **Ensaio de Sociologia**. Rio de Janeiro: LTC, 2012, p. 90-110.

---

*Notas:*

- <sup>1</sup> Doutor em Educação: História, Política, Sociedade pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Pós-doutorado em Sociologia Política pela Universidade de Campinas (UNICAMP); em Economia pela Universidade de São Paulo (USP) e em Economia pela Universidade de Londres. Professor associado da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Visiting Professor na Mercer University (GA-US-2012-2014) e na Arizona State University (2014-2015). Livre-docente pela Universidade de São Paulo (USP). Coordenador adjunto do Observatório da Educação (OBEDUC) “Políticas da Expansão da Educação Superior no Brasil”. E-mail: joaodosreissilvajr@gmail.com
- <sup>2</sup> Doutora em História da Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), com pós-doutorado pela Universidade de São Paulo (USP). Professora Titular do Programa de Políticas Públicas e Formação Humana da Universidade do Estado Rio de Janeiro (PPFH/UERJ). Coordenadora da Rede Universitas/Br e do Observatório da Educação (OBEDUC) “Políticas da Expansão da Educação Superior no Brasil”. E-mail: deise.mancebo@gmail.com
- <sup>3</sup> Sobre o *dub* ver <http://www.ncimusic.com/tutorial/history/dub/dub.html>. Acesso em: 01 maio 2015.

Recebido em: 04/07/2016

Publicado em: 08/2016